

RELAÇÃO ENTRE HISTÓRIA, NARRATIVA E A COMUNICAÇÃO ARTÍSTICA

Adriana Rodrigues Suarez

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo panorâmico sobre história, narrativa, comunicação e arte. Autores relatam sobre cada item citado, construindo um entendimento, sem a pretensão de mostrar conceitos completos e tão pouco fechados sobre os temas. Aborda o entendimento da comunicação no âmbito da Arte, ao relacionar as formas artísticas ligadas à comunicação, na obra de Pablo Picasso, na pintura do Período Paleolítico e ainda na obra do artista irlandês Francis Bacon, proposta esta, que causa efeitos narrativos diversos, no período moderno e contemporâneo, através de uma comunicação diferenciada entre o artista e o público/fruidor. Arte como comunicação. Arte como uma linguagem que representa uma narrativa objetiva e subjetiva, dependendo do objetivo do artista e o poder da imagem e suas narrativas.

Palavras-chave: História. Comunicação. Narrativa. Arte. Tempo.

RELATION BETWEEN STORY, NARRATIVE AND ARTISTIC COMMUNICATION

ABSTRACT

This article presents a panoramic study on history, narrative, communication, and art. Authors report on each item mentioned, building an understanding, without the pretension of showing complete concepts and so little closed about the themes. It addresses the understanding of communication in the field of Art, by relating the artistic forms linked to communication, in the work of Pablo Picasso, in the painting of the Paleolithic Period and even in the work of the Irish artist Francis Bacon, a proposal that causes diverse narrative effects, in the modern and contemporary period, through a differentiated communication between the artist and the public/user. Art as communication. Art as a language that represents an objective and subjective narrative, depending on the artist's objective and the power of the image and its narratives.

Keywords: History. Communication. Narrative. Art. Time.

A relação entre história, narrativa e comunicação, sempre envolverá a ação humana. Segundo Barbosa (2008), a correlação entre história e comunicação, se refere a dois pressupostos fundamentais, a narrativa e o tempo. Ainda que a história tenha formulado seu campo de atuação visando o passado, definindo-se como “ciência dos homens no tempo”, destacamos a expressão de Marc Bloch, que nos diz que a comunicação se refere às relações que envolvem ações presentes, ambas dizem respeito às relações humanas, seja esta no presente ou no passado buscando um significado para a humanidade através do ato narrativo, materializando-se em atos comunicacionais.

A história segue pistas, traços, rastros, vestígios, indicando os indivíduos do passado, através de atos comunicacionais, os quais deixaram marcas duráveis. O que se faz em comunicação é destacar os processos comunicacionais numa época comum, o presente vivido, explicando essas narrativas, tornando mais legível as ações do indivíduo do tempo presente.

Ainda, segundo Barbosa (2008), a narrativa na proposta construída por Paul Ricoeur (1994, 1995, 1997), deve-se configurar a existência vivendo a cotidianidade de nossos atos. Para Ricoeur (1994, p.24) as narrativas são produzidas, conforme o posicionamento do indivíduo no mundo, visualizando, interpretando, construindo assim, textos narrativos, que por sua vez, transformam-se em novas interpretações e em outros atos narrativos. Só se narra o que acontece no tempo e só podemos contar aquilo que se desenvolve no tempo.

O ato narrativo é a trama que construímos nas múltiplas ações textuais, construção de uma história, organizadas com um começo, meio e fim, tornando possível ao outro indivíduo, segui-lá. A função da trama narrativa é, pois, essa capacidade dos textos, ficcionais ou não, de configurar a experiência temporal.

A produção comunicacional se dá pela existência do mundo, depois um mundo que é texto, uma narrativa, e desse mundo- texto, produzimos uma “leitura”, e a partir dessa compreensão, dessa “leitura”, construímos outro texto narrativo. Esse texto que nos referimos, pode ser compreendido também à linguagem imagética, uma forma de narração, usada pela história, pela Arte, e pelos meios de comunicação.

Em algum momento do século XVI, o filósofo Francis Bacon, observou que, para os antigos, todas as imagens que o mundo dispõe diante de nós, já se acham encerradas em nossa memória desde o nascimento. (MANGUEL, 2001). A maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos. Berger (1999), diz que uma imagem é uma cena que foi recriada ou reproduzida. É uma aparência, ou um conjunto de aparências, destacada do lugar e do tempo em que primeiro fez sua aparição e a preservou, por alguns momentos ou séculos. Toda imagem incorpora uma forma de ver.

As imagens foram a princípio feitas para evocar as aparências de algo ausente. Aos poucos foi se tornando evidente que uma imagem podia ultrapassar em duração aquilo que ela representava: mostrava, então, como uma coisa ou alguém havia antes se parecido, e assim, por implicação, como o assunto fora antes visto por outras pessoas. Mais tarde, também a visão específica do fazedor de imagens era reconhecida como parte do registro. Uma imagem tornou-se um registro de como X tinha visto Y. Isso era o resultado de uma crescente consciência da individualidade. Acompanhando uma percepção crescente da história. (BERGER, 1999, p. 12)

As imagens como a história nos informam, nos comunicam. Nossa existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado varia constantemente, configurando assim, uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência. As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens. (MANGUEL, 2001)

Essas narrativas imagéticas se formam no tempo e no espaço. Durante a Idade Média, um único painel pintado poderia representar uma sequência narrativa, incorporando o fluxo do tempo nos limites de um quadro espacial, como ocorre nas modernas histórias em quadrinhos. Com o desenvolvimento imagético no Renascimento, trabalhando a técnica da perspectiva, os quadros se congelam em um único instante, isto é, o momento do ponto de vista do observador. A narrativa passou a ser transmitida por outros meios: mediante simbolismo, poses dramáticas, alusões à literatura, ou seja, por meio daquilo que o espectador, por outras fontes, mais uma forma de comunicação.

Quando lemos uma imagem, de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Construimos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico. Para Manguel (2001), nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa. A “forma”, segundo Balzac, em suas representações, é aquilo que ela é em nós: apenas um artifício para comunicar ideias, sensações, uma vasta poesia.

Toda imagem é um mundo, um retrato cujo modelo apareceu em uma visão sublime, banhada de luz, facultada por uma voz interior, posta a nu por um dedo celestial que aponta, no passado de uma vida inteira, para as próprias fontes de expressão. (MANGUEL, 2001)

Ao destacar a importância da imagem como meio de comunicação, portadora de um caminho narrativo, se faz necessário falar sobre a questão do papel da Arte nesse processo. Em destaque, Nunes (2008), cita em sua obra *Introdução à Filosofia da Arte*, sobre a temporalidade da Arte, onde Karl Mannheim censura aqueles autores que desligam o desenvolvimento das Artes do processo histórico geral e das condições variáveis da cultura no tempo e no espaço, como se as formas artísticas pudessem ter uma história privada ou independente. Ocorre com o fenômeno artístico, uma espécie de multivalência histórica, assinalada por Merleau-Ponty, que nos leva a refletir acerca do problema filosófico mais geral das relações entre o tempo e as obras de Arte.

Ainda para Nunes (2008), o objeto estético é datável, situando-se num momento histórico, por um feixe de relações com os diversos aspectos, social, político, religioso e moral, que caracterizam esse momento, e que constituem o estado geral do espírito e dos costumes. As coordenadas temporais assinalam a sua inserção no presente, as suas conexões com o passado ou com a tradição e com os momentos posteriores do desenvolvimento artístico. O tempo histórico das Artes, em

geral, é polêmico. A tradição aceita num momento é contestada noutra: supera-se a experiência passada, preparando-se a nova experiência futura.

O famoso quadro de Pablo Picasso, “*Les Femmes d'Alger (O Grande Baie)*” (Imagem 01), pôs em xeque, de uma só vez, toda uma concepção da arte pictórica, da qual os impressionistas ainda participavam, e que a pesquisa de Cézanne já tinha abalado, uma imagem em desconstrução. Romperam com as regras impostas por uma cultura artística clássica, a qual buscava a representação do ideal de beleza, carregada de equilíbrio, proporção e harmonia. Mas o que não podemos deixar de levantar nesses apontamentos, é que a Arte desde a pintura Rupestre do Paleolítico (Imagem 02) a Picasso (Imagem 01), trava-se um mesmo diálogo do homem consigo mesmo e com o mundo. Tudo isso resulta numa comunicação necessária, que segundo Merleau-Ponty, o artista de hoje, continua, com o seu gesto criador, apresentando uma significação presente na pintura das cavernas, isto é, continua a se comunicar, a partir de todas as formas de manifestação imagética, construindo uma narrativa.

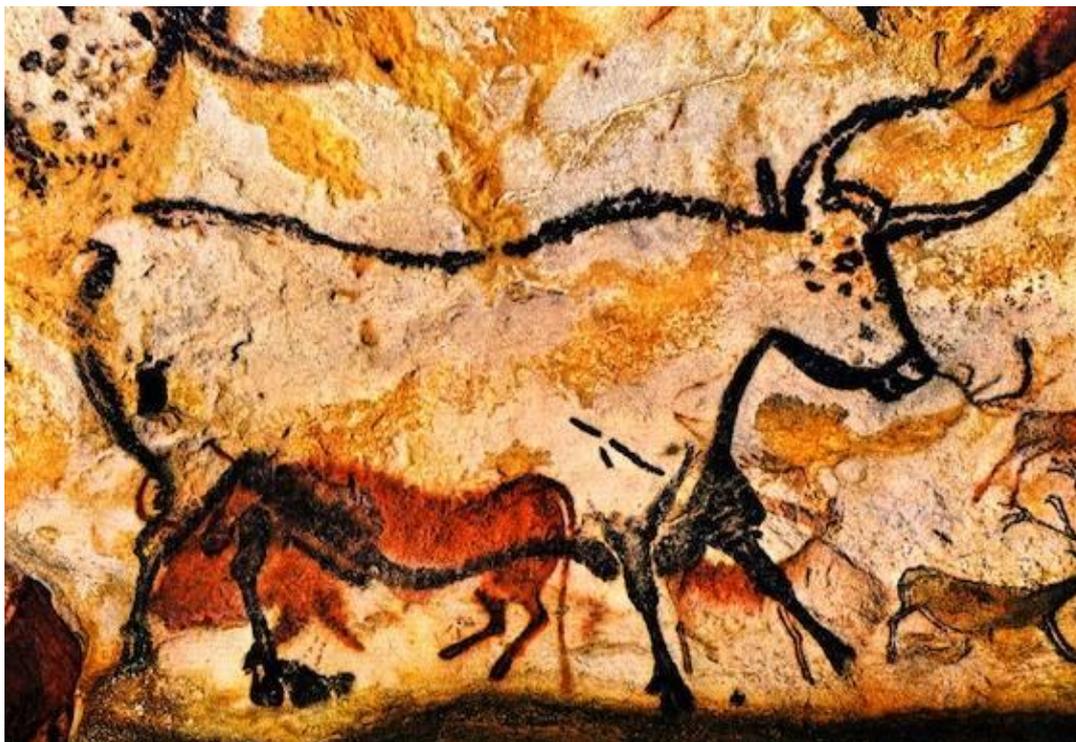
E se entendemos a linguagem de ambos, do artista anônimo das pinturas do período Paleolítico e do Picasso dos nossos dias, é porque nos situamos na temporalidade fundamental da arte, intersubjetiva, dialogante, que perdura mesmo nos períodos de revolução artística. (NUNES, 2008)

Imagem 01: Les Demoiselles d'Avignon (1907)



Fonte: <https://arteartistas.com.br/les-demoiselles-davignon/>

Imagem 02- Pintura Rupestre (Paleolítico)



Fonte: <https://escolaeducacao.com.br/o-que-foi-o-periodo-paleolitico/>

O objeto estético, que existe no tempo, possui um tempo próprio, inalienável, com uma vida latente, pronta a revelar-se. Fischer (1983), ao destacar a função da Arte na sociedade, revela o que importa para Marx, colocando que toda Arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Ao mesmo tempo, a Arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento.

Como acontece com a evolução do próprio mundo, a história não é apenas uma contraditória descontinuidade. Coisas antigas, aparentemente, as mais esquecidas, são preservadas dentro de nós, frequentemente sem que as percebamos, e de repente vêm à superfície e começam a nos falar. Com isso, a Arte jamais é uma mera descrição clínica do real. Sua função concerne sempre ao homem total, capacita o “eu” a identificar-se com a vida dos outros, capacita-o a

incorporar a si aquilo que ele não é, mas, tem possibilidade de ser. (FISCHER, 1983)

O artista dadaísta Marcel Duchamp, um transformador do olhar artístico, e um dos principais artistas a produzir arte como um meio de crítica social, desenvolve um conteúdo estético diferenciado, anunciando e fundamentando o regime da Arte Contemporânea, articulando o processo de comunicação entre o artista e o público/fruidor. Entre as articulações promovidas por Duchamp, encontramos a transformação da mensagem intencional entre o artista e o público, em signo produzido, livre de qualquer emoção de origem retiniana; em paralelo, o desaparecimento do autor como sujeito livre e voluntário, o acaso substitui o fazer; muda a valorização da linguagem, não como expressão de um pensamento, mas com um fundo radical dele próprio; com o aparecimento das vanguardas e da mensagem sociopolítica.

A mensagem política e social das vanguardas era abertamente crítica à sociedade mercantilista e se colocava como denúncia ou recusa dos valores do capital. Ao integrar a sociedade como uma esfera dentre outras, essa mensagem, essa comunicação, se vê bloqueada, uma comunicação dificultada. Na sociedade da comunicação, menos de dinheiro do que de informação, a informação e sua circulação são as verdadeiras riquezas. Se a obra de Arte de Duchamp é de difícil acesso, quase mantida secreta, a ponto de tornar opaca sua relação com a sociedade do seu tempo, se fez necessário uma análise mais aprofundada para encontrar nela os princípios gerais do regime da comunicação.

A Arte para esse artista, Marcel Duchamp, passa do contexto da estética, da simples comunicação para a condição de uma comunicação subjetiva entre a obra e o público/fruidor, transformando ideias, sentimentos, conceitos sobre a representação artística, novas maneiras de representar o mundo, sobre novas formas de comunicação, sobre o indivíduo contemporâneo, modificando assim a história da Arte e a sua comunicação, do objetivo ao subjetivo.

Torna o público, indivíduos fruidores, pensantes e participantes da Arte, interagindo, procurando e investigando um novo sentido para ela. A comunicação entre a Arte e o público/fruidor reveste-se de condições únicas, pensamentos

conflitantes e ideais particulares, abandonando assim a condição que a estética clássica (objetiva) impõe em uma sociedade antiga, para conhecer uma nova maneira de se comunicar, percebendo o todo e valorizando o que na natureza existe: escrevendo assim, uma nova História, uma nova forma de comunicação!

Francis Bacon: um artista contemporâneo

Esse artigo fala sobre história, comunicação, narrativa, Arte. tempo e espaço. Destacamos a importância da desconstrução da imagem do artista Marcel Duchamp, tornando a comunicação imagética mais subjetiva, permitindo ao público maior fruição sobre a obra de Arte, algo bastante significativo para o contexto da comunicação na História da Arte. Assim, nesse momento, destacamos o artista que merece atenção em relação, a desconstrução imagética, a comunicação contemporânea através de uma Arte subjetiva, o artista Francis Bacon, fascinado pela representação da sua Arte através da imagem não agradável ao olhar, mas completamente comunicativa em relação aos sentimentos mais puros e íntimos do ser humano. Representou em sua produção artística, suas angústias em relação a si e ao mundo.

Bacon foi um notável artista autodidata, um “artista experimental”, o qual traz em suas obras de arte, sua infância, suas amarguras seus medos, suas indignações. Filho de um pai violento que nunca aceitou a sua condição de homossexualidade, crescendo em circunstâncias relativamente indisciplinadas e solitárias.

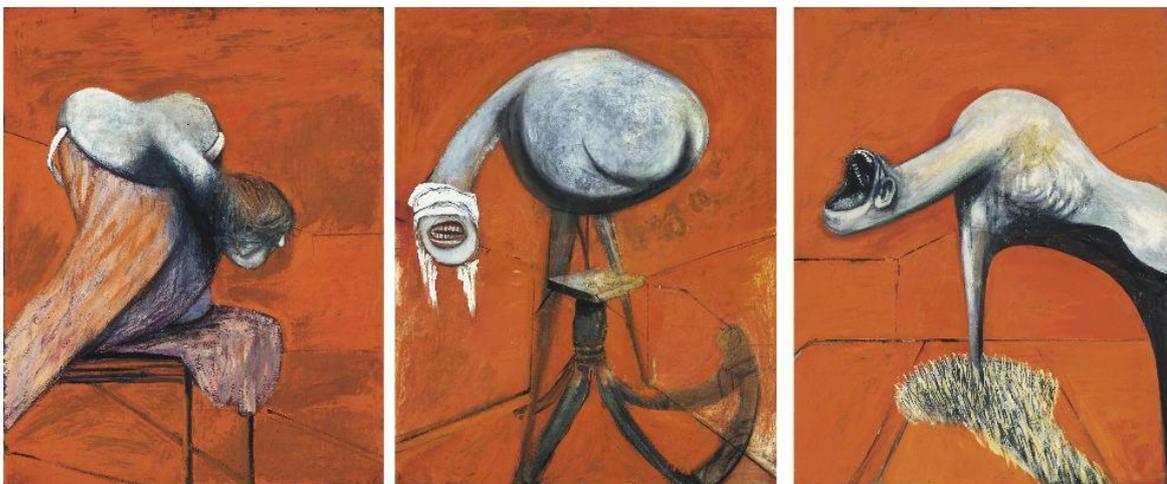
Um artista do século XX, que exprimiu através da sua pintura, a tragédia da existência mais realisticamente, representando os dramas da condição humana, num sentido oculto, violento e trágico. Uma comunicação significativa através da sua pintura, que apresenta grande teor subjetivo. No início da sua produção artística, a estética Cubista e Expressionista foram seus alicerces, mostrando representações de figuras solitárias, violência masculina ligada à tensão homoerótica, imagens sofredoras, anômalas, deformadas, vorazes, tendo sempre como ponto de partida sua própria vida. Durante muito tempo o seu objetivo foi capturar a expressão

instintiva e animal da dor, como percebemos na obra *Três estudos para a Figura na Base de uma Crucificação, 1944* (Imagem 03). É fácil notar que a arte figurativa moderna deforma a figura humana com a intenção de provocar a reação e de estimular pronunciamentos, entre as quais, não se pode excluir o destino interior do ser humano, incomodando o observador, tirando-o da condição habitual, onde este se comunica com seu meio exterior e interior, construindo uma narrativa própria.

Após o trauma da época infligido à humanidade pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, o artista expressou a singular tragédia do indivíduo numa sociedade que era externamente vitoriosa e que marchava inexoravelmente em direção ao progresso, um progresso que aparentemente não podia conduzir a qualquer outra conclusão que não fosse à do bem-estar e do esclarecimento de todos os aspectos obscuros da existência.

Nas entrevistas que concedeu a David Sylvester, ele determina ao artista a missão de “remeter o espectador à vida com mais violência (SYLVESTER, 1995, p.17), e diz que suas imagens são *uma tentativa de fazer a coisa figurativa atingir o sistema nervoso de uma maneira mais violenta, mais penetrante* (SYLVESTER, 1995, p.12). Bacon não considerava suas obras “deformadas”, uma provocação, uma comunicação subjetiva, mas uma forma de imprimir maior força à imagem, levando às últimas consequências seu desejo de transmissão.

Imagem 03: Três estudos para a Figura na Base de uma Crucificação (1944).



Fonte: <https://pt.artsdot.com/-Francis-Bacon-estudos-para-figuras-na-base-de-uma-crucificacao>

Ainda destacamos Deleuze (1981), em sua obra *Francis Bacon: Lógica da Sensação*, o qual argumenta que é um erro acreditar que o pintor trabalha sobre uma superfície branca e virgem, isso é impossível, pois esta, está totalmente investida virtualmente por todo tipo de clichês, com uma narrativa vista e vivida, com a qual é necessário romper, logo para preencher essa “tela em branco”, terá antes que esvaziá-la, desimpedir, limpar e assim, comunicar-se com o novo (DELEUZE, 2007, p.45). Francis Bacon define a relação ao ato de pintar, como ato esse, que consiste em fazer marcas ao acaso (traços, linhas); limpar, escovar ou espanar os lugares ou zonas (manchas-cores); jogar tinta, de modo anguloso e com velocidades variadas. Tal ato, ou tais atos supõe(m) que já exista(m) sobre a tela (como na cabeça do pintor) dados figurativos, mais ou menos virtuais, mais ou menos atuais. São precisamente esses dados que serão demarcados, limpados, escovados, espanados ou ainda recobertos, pelo ato de pintar. (DELEUZE, G., 2007, p.51)

Bacon não considerava suas obras “deformadas” uma provocação, mas uma forma de imprimir mais força à imagem, trazendo uma comunicação de maior liberdade ao artista junto ao público, levando às últimas consequências seu desejo de transmissão, de comunicação. A intenção da sua pintura é a distorção da imagem, desconstruindo a visão “normal” do objeto, indo além da aparência.

Por exemplo uma boca: nós prolongamos, fazemos com que ela vá de um lado ao outro da cabeça. Por exemplo, a cabeça: limpamos uma parte com uma escova, uma vassoura, uma esponja ou um papel toalha. É o que Bacon chama de Diagrama: é como se, de um só lance, introduzíssemos um Saara, uma zona de Saara, na cabeça; como se tivéssemos uma pele de rinoceronte vista ao microscópio; como se separássemos duas partes da cabeça com um oceano; como se mudássemos a unidade do compasso, e substituíssemos por unidades figurativas das unidades cronométricas, ou ao contrário cósmicas. Um Saara, uma pele de rinoceronte, eis o diagrama estendido de uma só vez. É como uma catástrofe que sobrevém na tela, nos dados figurativos e probabilísticos. (DELEUZE, 2007, p.51)

As deformações provocadas por Bacon, como na obra *Três estudos para um autorretrato*, 1979 (Imagem 04), não se pode atingir outros limites que não seja os da agitação, da luta contínua entre forças opostas, entre o prazer do amor e o progresso da morte, entre o nascer do desejo e a sua desintegração, uma narrativa composta por várias interpretações, dependendo do contemplador.

Imagem 04- Três estudos para um autorretrato (1979)



Fonte: <https://illukeshears.files.wordpress.com/2015/05/04voege-600.jpg>

A Arte de Bacon torna-se difícil de entendimento, uma comunicação complexa, subjetiva, pois trabalha com formas desconstruídas, burlando a rotina do olhar, trazendo à tona o conceito do feio, misterioso, estimulando as ânsias do instinto humano, causando um misto de êxtase e angústia. Segundo John Berger (1999, p.10), ao definir imagem, a maneira como vemos as coisas é afetada pelo que sabemos ou pelo que acreditamos, para o apaixonado, a visão da pessoa amada possui uma completude com a qual nenhuma palavra ou abraço pode competir: uma completude que somente o ato de fazer amor é capaz de efemeramente abarcar. Só vemos aquilo que olhamos. Olhar é um ato de escolha. Uma imagem é uma cena que foi recriada ou reproduzida, toda imagem incorpora uma forma de ver, toda imagem constrói uma história sobre sua existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se reconhecermos que a comunicação fornece à sociedade o elo indispensável a seu funcionamento, o papel da linguagem, da imagem e seu

exercício narrativo se tornam dominantes. É por intermédio da linguagem escrita e imagética que a narrativa estrutura não somente os grupos humanos, mas ainda a apreensão das realidades exteriores, a visão do mundo, sua percepção sua ordenação, a sua história.

As imagens como representação inteligível de alguns objetos capazes de serem reconhecidos pelo homem necessitam concretizar-se materialmente, precisam comunicar-se. Na história da Arte, as produções artísticas representam as ações, pensamentos, reflexões do seu tempo, isto é, comunica aquilo que acontece no seu contexto social, político para que represente o que o artista quer comunicar. Uma imagem, não fala mais que mil palavras, a não ser que você, como contemplador, se comunique com ela. Que busque construir narrativas pertinentes ao que se tem como sentido objetivo e subjetivo. O importante é tornar a imagem, a obra, algo que tenha um significado.

A linguagem artística de todos os tempos permeia a necessidade da sociedade em questão, narrando através da Arte uma comunicação entre a imagem e o seu público. Arte só é legítima quando se engaja, quando se alista, quando se põe a serviço de uma ideia, de uma causa, quando desempenha uma função educativa, tornando ideias abstratas acessíveis à massa, através de uma narrativa, construindo assim sua história.

A Arte é um poderoso meio de comunicação. São manifestações que o artista busca para dar forma e significado àquilo que produz. Tem o dom de, para além de emitir tanto quanto as palavras, arrecadar o sentimento. A Arte comunica o tempo todo, e muitos artistas colocam nela um tom bastante social, político e até revolucionário e claro, estético. Tudo isso é comunicação. A Arte como um valiosíssimo meio de comunicação.

Portanto, segundo Barbosa (2008), há de se considerar ainda que a ação narrativa instaura o mundo das coisas contadas, e o reino de “como se”, através de diversos meios de comunicação. O mundo das coisas contadas é sempre o “como se” e a experiência depende da voz narrativa que contém invariavelmente a voz do narrador. Mas essa voz não contém apenas a voz direta do autor/artista, mas de todos seus narradores.

REFERÊNCIAS

BERGER, J. **Modos de Ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DELEUZE, G. **Francis Bacon: Lógica da Sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FISCHER, E. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

MANGUEL, A. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NUNES, B. **Introdução à Filosofia da Arte**. São Paulo: 2008.

SYLVESTER, D. **Entrevistas com Francis Bacon**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 1998.

SYLVESTER, D.; BARBOSA, M. C. **Comunicação e História: presente, passado em atos narrativos**- São Paulo: 2009.

Recebido em 15/07/2022

Versão corrigida recebida em 30/07/2021

Aceito em 06/08/2022

Publicado online em 15/08/2022

Indexadores: LATINDEX – DIADORIM – SUMARIOS.ORG –
LIVRE – ERIHPLUS – GEODADOS - GOOGLE SCHOLAR